

O CRISTIANISMO E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UM DESAFIO À RESISTÊNCIA DE NOSSA (DES)HUMANIZAÇÃO

Vera Baldez Boing¹

Resumo

Nessa apresentação abordamos, à luz do cristianismo, a relação entre a prática de Jesus e a libertação como referência na construção de um novo modo de ser e de agir. Algumas pistas orientam reflexões que possam responder aos desafios impostos pela realidade na qual nos encontramos inseridos. Escolhemos, dentre os desafios atuais, a educação como processo de uma prática libertadora. Como fundamento, optamos pelo caminho profético do Papa Francisco, que nos convida a atuar como protagonistas no processo de mudança para uma sociedade inclusiva. Para dialogar e atuar junto à proposta do Papa, trazemos como referência o debate da educação libertadora tratada por Miguel Arroyo.

Palavras-chave: Educação - Cristianismo – humanização - Libertação integral - Diálogo

Introdução

Pensar o cristianismo hoje, nos impõe o desafio do diálogo numa sociedade pluralista que se apresenta com diferentes rostos: um desafio a uma libertação integral. (Cf. CODINA, 2019, p.188) Conhecer a prática libertadora de Jesus é um ponto de partida numa sociedade marcada pela pobreza e pela desumanização da exclusão imposta pelo modelo da globalização. Este é um caminho necessário para que não se corra o risco de manipulações e distorções do cristianismo. Podemos iniciar com a simples indagação sobre o projeto de Jesus, o que desejava anunciar com a sua ação ao aproximar-se dos mais pobres e abandonados de sua época. Como compreender e relacionar toda a sua vida histórica ao processo de uma educação libertadora, como desejamos propor? Um projeto de justiça e de amor incondicional ao Reino de Deus, de vida plena de justiça.

O Papa Francisco é, atualmente, a grande liderança global no processo da defesa pela vida. Na perspectiva cristã, é o profeta que nos aponta a urgente necessidade de revisar a prática de Jesus como caminho de abertura, respostas e enfrentamentos ao contexto atual da globalização, marcada por uma economia excludente. Por isso, trataremos dos desafios à luz das diretrizes dadas por Francisco. Esta é uma proposta integrada a toda a criação no horizonte da fraternidade e da justiça, vivenciar uma abertura própria da dinâmica do amor, que orienta nossa existência humana ao encontro do outro, acolhendo e cuidando, para além das fronteiras pessoais e sociais.(FT 95 E 99) Dessa forma, torna-se necessário um recorte da práxis de Jesus diante do alcance que essa ação tem nos dias de hoje, colocando-nos diante de complexos desafios da realidade global. A nossa intenção é iluminar o diálogo libertador de Jesus com o

¹ Doutora, Mestra e Graduada em Teologia pela PUC-Rio, professora do Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da Puc-Rio.

mundo que circunda a sua história, ou seja, à luz do contexto histórico, social e cultural. Reconhecendo a extensão dessa pretensão, assim como a complexidade, deixaremos algumas pistas que poderão servir como um exercício de mudança que nos ponha na atuação de novos protagonistas.

O Jesus histórico ilumina as diferentes épocas de cada realidade histórica. Como afirma o Papa Francisco no discurso aos universitários em Portugal, sobre a necessária radicalidade à prática de Jesus, “O cristianismo não pode ser habitado como uma fortaleza cercada de muros, que ergue baluartes contra o mundo”. (FRANCISCO, 2023) Portanto, é condição inerente ao cristianismo viver a cultura na qual se encontra inserido em permanente diálogo. É o que desejamos - construir pontes que nos conduzam a uma nova condição de nossa humanização.

O clamor dos pobres e a Revelação de Deus

Sabemos que toda ação remete às escolhas que fazemos, dando sentido à nossa existência. Por isso, propomos colocar os pés na nossa condição humana e histórica a partir do horizonte da libertação integral, o mesmo que Jesus propôs ao anunciar o Reino da justiça, o Reino de Deus. Todo processo de libertação nos pede conhecer a realidade como instrumento de nossa ação, que vai além dos aspectos socioeconômicos, mas inclui também o antropológico e a dimensão espiritual. (Cf. CODINA, 2019, pp. 194-195) Toda condição expressa na realidade social deve ser compreendida de forma integral, pois todo acontecimento “pode ser um fruto do Reino ou um atentado contra o projeto do Reino” (EG 51). Nesse sentido, a espiritualidade é preciosa e deve ser valorizada como nosso tesouro guardado no mais íntimo da nossa existência. É a dimensão desse mistério que pode reter ou ampliar o dinamismo de nossa vivência, possibilitando-nos uma vida de abertura, integrada, ou mesmo um confinamento reducionista.

A única perspectiva diante da realidade dramática das desigualdades sociais é colocar-se em marcha por um novo processo cultural que possibilite a ação de novos protagonistas sociais comprometidos com a libertação, e por isso, humanizador. Nesse sentido, o Papa Francisco atua profeticamente, quando evoca a conversão do nosso olhar, do nosso agir e sentir com os pobres e com toda a criação. Os pobres devem ser o centro de toda ação evangelizadora, pois Jesus sempre esteve ao lado dos mais empobrecidos, daqueles que sofriam com a dor da exclusão, tinha “a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (FT 186). Inaugurava, nas relações constituídas, um processo de libertação integral, reconduzindo os excluídos à convivência social, oferecendo-os a dignidade da vida. Uma práxis que emana da experiência de uma educação libertadora, como cunhou Paulo Freire.

Torna-se, portanto, fundamental acentuar a perspectiva da criação integral e libertadora à luz do cristianismo. Essa perspectiva exige “um imperativo: ouvir o clamor dos pobres” (FT 193), como afirma Francisco. Remete-nos a uma libertação integral, que insere o ser humano no dinamismo da história da Salvação. O retorno à fonte, como nos pede o Papa Francisco, é o

lugar do encontro com o projeto humanizador anunciado por Jesus, inspirado no encontro com os pobres, desvalidos, excluídos.

Inspirados na justiça do Reino, revelada pela ação de Jesus Cristo, podemos encontrar respostas ao desafio de vivenciar e protagonizar uma prática libertadora. Nessa perspectiva, apontamos o caminho na defesa de uma sociedade que suscite e sustente uma educação libertadora que, no exercício permanente de uma formação para cidadania, imprime uma nova cultura, inclusiva e solidária. Assim, mantemos um horizonte esperança, como nos diz o Papa Francisco.

“Educar é sempre um ato de esperança que convida a participação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum” (FRANCISCO. Mensagem em vídeo sobre o Pacto Educativo Global, em 15 de outubro de 2020).

É preciso apostar no horizonte de uma nova sociedade que possa educar para a inserção de novas práticas transformadoras. “Existem pequenos relatos, pequenas narrações libertadoras que apontam para o grande relato do Reino”, como diz o teólogo Codina. (CODINA, 2019, p. 195) É essencial conhecer essa realidade e nos engajarmos, para que possamos favorecer essas pequenas ações que mudam o nosso modo de compreender a realidade tal como se apresenta. Como afirma Codina, “o desafio é como transformar a realidade sem necessariamente tomar o poder”. (CODINA, 2019, p. 195) Na mesma orientação, encontramos na proposta do Papa Francisco o compromisso com a mudança social, ou seja, um projeto que tem no centro de toda ação o pobre, a sua libertação e promoção. (EG 187) Um projeto que estimula a confiança nas pequenas ações transformadoras que tecem a realidade social e cultural e ainda enfatiza que ninguém tem o direito de relativizar o direito de o pobre ter as garantias de uma vida justa. (EG 194) Nesse sentido, os movimentos sociais são privilegiados como fonte desse processo, pois colaboram como novos sujeitos sociais. À luz do cristianismo, os cristãos protagonistas atuam como sujeitos eclesiais contribuindo para fortalecer novas formas de ser comunidade.

Junto à comunidade global, o Papa Francisco discursa diante das lideranças dos movimentos populares expressando “a mesma sede de justiça, o mesmo grito: terra, casa e trabalho para todos” da luta dos excluídos. (FRANCISCO, 2016) Essa centralidade dada aos pobres resume a sua proposta em fazer do seu pontificado uma memória da história dos que, desde Jesus Cristo, se comprometeram com a justiça social, com uma sociedade que seja incluyente e humanizadora.

Podemos afirmar que o dinamismo libertador expressado na práxis de Jesus é fonte inspiradora e de esperança para um caminho de encontros e diálogos que fortalecem uma educação orientada para a vida, para o desabrochar de nossa humanização. Sem ações afirmativas de inclusão e de justiça não temos as possibilidades de fazer germinar o processo de transformação. Nos encontros com os movimentos populares, o Papa Francisco destaca a

humildade e a convicção das necessárias propostas de mudanças nas mãos de todos que entregam suas vidas ao compromisso do futuro da humanidade (FRANCISCO, 2015) A construção desse horizonte está comprometida com o processo da educação que perpassa as relações cotidianas e as formalizadas por instituições. Apostamos que desde a primeira comunidade, a família, esse processo se revela no modo de cada cultura na qual o indivíduo está inserido. Por isso, torna-se urgente ultrapassar barreiras nas relações cotidianas, tais como preconceitos, que possibilitem “gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças” (FT 2017).

A educação como resistência à desumanização: inclusão e transformação.

Os desafios sempre devem ser refletidos, articulados de modo a permitir que se encontrem saídas na superação da dificuldade apresentada. Nenhum desafio deve permanecer estagnado, pois são parte de um movimento histórico, dinâmico e, por isso, em processo de mudança. Precisam do enfrentamento. Na perspectiva dessa dinâmica transformadora, a busca pela superação dos obstáculos é o convite que o Papa Francisco faz ao mundo e aos cristãos atuantes. Há urgência da transformação dos sinais de morte, sinais dos tempos que precisam ser identificados como desafios ao cristianismo nos dias de hoje. A defesa por uma nova evangelização, que suscite uma renovação eclesial da comunidade de fé, se integra a uma nova concepção de educação, a libertadora. O dinamismo de uma ação transformadora na perspectiva da fé deve estar integrado ao mundo, aos acontecimentos da realidade econômica, social e religiosa, pois sabemos que muitos cristãos defendem modelos fechados e, por isso, excludentes. Como diz o Papa Francisco, “a fé com o humanismo que inspira, deve manter vivo um senso crítico perante essas tendências”. (FT 86) Assim, torna-se fundamental o engajamento por uma educação libertadora, crítica e formadora de sujeitos, cidadãos comprometidos com o nascimento de uma nova cultura, diversa e integrada.

A educação libertadora se apresenta como vivência da solidariedade, como respeito pelas diferenças, pelo outro, de modo especial pelo mais pobre. Com afirma Francisco no Pacto Educativo Global, é importante fortalecer caminhos humanizadores.(FRANCISCO, 2020), como fruto do processo de aprendizagem da luta de resistências dos movimentos sociais. Nessa perspectiva, a proposta de uma educação dialogada, ativa, libertadora é uma educação que valoriza a consciência de ser sujeito num mundo, alternativa a uma educação individualista que tem como paradigma a cultura do consumo, na qual o ser humano se transforma em mercadoria descartável. Uma educação que favoreça a formação da consciência crítica, capaz de compreensão das relações estabelecidas socialmente, ajuda a integrar o ser humano na sua forma de existir, contribui para a responsabilidade das vidas humanas e de todo o planeta. Uma educação pautada na libertação integral possibilita a conversão do ser humano a um novo estilo de vida no cuidado com a Casa Comum.

Deixamos este caminho como uma proposta de reflexão para pensar no horizonte de uma educação libertadora. Esta tem como raiz de seu compromisso a construção de uma nova lógica, que defenda a existência dos saberes, dos conhecimentos, da cultura do próprio grupo social, que tem estado sempre à margem de uma educação hegemonicamente dominante e excludente. Uma educação, portanto, de resistência contra a invisibilidade dos valores que os excluídos carregam na construção do cotidiano, na luta pela sobrevivência. São “vidas re-existentes às desumanizações, à condição de deficiente em humanidade”. (ARROYO, 2020, p. 120) Nesse sentido, como dito acima, uma educação que oriente a uma nova ética humanitária e planetária, como defende o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si*.

A educação é um caminho na construção de uma nova cultura, “participativa e poliédrica” (Pacto Educativo) que tem como fundamento o diálogo que favorece desenvolver a escuta e o acolhimento. Da mesma forma Jesus dialogava e acolhia, comprometendo-se, nas suas relações, com uma nova lógica de aprendizado. Sem acepções de pessoas, mostrou na diversidade dos rostos dos que sofrem, a misericórdia do amor de Deus. Manifestando em gestos de solidariedade e de amor aos mais pobres e excluídos, libertando-os do peso de sentirem-se abandonados e indesejáveis pela sociedade em que viviam. Por isso, pensar hoje no cristianismo deve exigir dos seguidores de Jesus o compromisso por uma educação libertadora. Uma educação que começa a partir das relações pessoais, mas que alcance as relações sociais. Estar atentos no modo de agir, de reivindicar o que os movimentos sociais defendem como valores à vida no processo de suas lutas por mudanças mais profundas. É no interior desse processo que a semente germina e floresce “o amor fraterno que se rebela contra a injustiça social” (FRANCISCO, 2015). Ainda nas palavras do Papa, é preciso coragem na defesa por uma educação que “recrie o tecido das relações em prol de uma humanidade capaz de falar a linguagem da fraternidade” (FRANCISCO, 2020).

Uma conclusão em aberto

Nessa breve apresentação, buscamos mostrar a relação entre a prática de Jesus e a educação libertadora, inerente à relação vivenciada com os excluídos. O diálogo como caminho que Jesus realiza na proximidade com os mais pobres também se articula no processo de aprendizagem com a prática libertadora de uma educação crítica. Uma educação que favoreça a construção da liberdade nas relações humanas, orientando-as para uma convivência mais amorosa e humana, estimulada no crescimento e no amadurecimento.

Pensar na libertação, numa educação que imprima uma nova cultura inclusiva e, por isso, mais justa, nos exige conhecer a realidade, suas necessidades e, principalmente, o esforço de construir uma nova visão do mundo e para o mundo. Nesse sentido, compreendemos que a liberdade se constitui no dinamismo da construção de nossa existência. Portanto, devemos estar

atentos aos sinais dos tempos que a realidade nos apresenta, ou seja, ao contexto histórico que nos imprime as experiências que nos possibilitam a nossa (des)humanização.

Questões para reflexão:

1. De que forma, podemos construir, nas nossas relações humanas, uma nova cultura que expresse a preocupação com os mais pobres da sociedade?
2. Como pessoas livres, como expressar a educação para a liberdade no ambiente da Universidade?
3. Como afirmar, nos diferentes lugares que convivemos, o protagonismo ativo da educação libertadora no exercício de nossa cidadania?

Referências bibliográficas:

ARROYO, G. Miguel. *Vidas Re-existentes. Reafirmando sua outra humanidade na história*. Petrópolis: Vozes, 2023.

CODINA, Victor. *O Espírito do Senhor: força dos fracos*. São Paulo: Paulinas, 1ªed. 2019.

FRANCISCO, Mensagem em vídeo sobre o Pacto Educativo, 15 de outubro de 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ufpnZ_xHsrE. Acesso em 17 de outubro de 2023.

_____. *Discurso durante o II Encontro Mundial dos Movimentos Populares*, 9 de julho de 2015. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em 17 de outubro de 2023.

_____. *Discurso durante o III Encontro Mundial dos Movimentos Populares*, 5 de novembro de 2016. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html. Acesso em 17 de outubro de 2023.

_____. *Discurso na Universidade Católica Portuguesa*, 03 de agosto de 2023. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-universitari.html>. Acesso em 17 de outubro de 2023.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*,. São Paulo: Paulus, 2020.